



UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA  
INSTITUTO DE ARTES  
DEPARTAMENTO DE ARTES CÊNICAS  
LICENCIATURA EM TEATRO

EMANUELLY ABADE INCARNATO

**DRAMATURGIA DO ESPAÇO ESCOLAR: UMA ABORDAGEM *SITE-SPECIFIC* NO  
CONTEXTO DA EDUCAÇÃO BÁSICA**

SANTOS - SP

2023

EMANUELLY ABADE INCARNATO

**Dramaturgia do Espaço Escolar:** uma abordagem *site-specific* no contexto da educação  
básica

Trabalho de conclusão do curso de Licenciatura  
em Teatro do Departamento de Artes Cênicas do  
Instituto de Artes da Universidade de Brasília.

Orientadora: Prof<sup>ª</sup> Me. Aline Seabra de Oliveira

SANTOS - SP

2023

**Instituto de Artes - IdA**

**Departamento de Artes Cênicas - CEN**

**ATA DA DEFESA DO TRABALHO DE CONCLUSÃO DE CURSO**

**EMANUELLY ABADE INCARNATO**

**DRAMATURGIA DO ESPAÇO ESCOLAR: UMA ABORDAGEM SITE-SPECIFIC NO CONTEXTO DA  
EDUCAÇÃO BÁSICA**

Trabalho de Conclusão de Curso em Licenciatura em Teatro da estudante **Emanuely Abade Incarnato**, apresentado à Universidade de Brasília - UnB, como requisito para obtenção do Título de Licenciado em Teatro, período 2023.2, com nota final igual a **SS**, sob a orientação da professora Mestre Aline Seabra de Oliveira.

Santos-SP, 19 de dezembro de 2023.

**Banca Examinadora:**

---

Prof.<sup>a</sup> Ma. Aline Seabra de Oliveira

**Orientador**

---

Prof. Dr. Francis Wilker de Carvalho

**Examinador**

---

Prof. Me. Ricardo Cruccioli Ribeiro

**Examinador**



Documento assinado eletronicamente por **Aline Seabra de Oliveira, Usuário Externo**, em 22/12/2023, às 11:49, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento na Instrução da Reitoria 0003/2016 da Universidade de Brasília.



Documento assinado eletronicamente por **Ricardo Cruccioli Ribeiro, Usuário Externo**, em 26/12/2023, às 13:29, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento na Instrução da Reitoria 0003/2016 da Universidade de Brasília.



Documento assinado eletronicamente por **Francis Wilker de Carvalho, Usuário Externo**, em 26/12/2023, às 16:45, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento na Instrução da Reitoria 0003/2016 da Universidade de Brasília.



A autenticidade deste documento pode ser conferida no site [http://sei.unb.br/sei/controlador\\_externo.php?acao=documento\\_conferir&id\\_orgao\\_acesso\\_externo=0](http://sei.unb.br/sei/controlador_externo.php?acao=documento_conferir&id_orgao_acesso_externo=0), informando o código verificador **10703264** e o código CRC **D5D39AF3**.

À professora Carla Bassan, que me ensinou sobre sonhos e me inspirou a realizar este curso.

E também aos meus ex-alunos do Programa Jornada Ampliada. Vocês me motivaram a procurar novos espaços de ocupação e me mostraram que a arte ocupa lugares jamais imaginados. Serei eternamente grata.

## **AGRADECIMENTOS**

Agradeço primeiramente à minha orientadora, Prof<sup>a</sup> Me. Aline Seabra de Oliveira, por toda a motivação ao longo do processo de pesquisa, sempre me incentivando a procurar e alcançar novos lugares. Agradeço aos meus ex-alunos que participaram das entrevistas e também ao meu colega de jornada José Fernandes, por toda parceria ao longo dos anos junto à Universidade de Brasília. À minha irmã de alma, Lux Machado, por me auxiliar a escolher o tema deste trabalho, algo que é de meu profundo interesse. Por fim, agradeço ao meu parceiro de vida, Lucas Figueira, por toda a paciência e auxílio durante o processo de pesquisa e escrita, sendo um ponto de apoio sempre.

## RESUMO

O objeto de estudo desta pesquisa é a dramaturgia do espaço escolar. Propõe-se o estudo do espaço enquanto dramaturgia e território de aprendizagem na escola, colocando em evidência, principalmente, os espaços pouco explorados no ambiente educativo. Para tal, realiza o estudo da criação em *site-specific*, ou seja, criação artística a partir do estudo de um espaço específico, como uma forma de se pensar a dramaturgia do espaço no contexto do ensino de teatro na educação básica. A abordagem busca refletir acerca de novas possibilidades de criação artística a partir dos diferentes espaços da escola, com vistas a fomentar a democratização do uso dos espaços pelos estudantes e a fortalecer a sensação de pertencimento dos mesmos. A pesquisa se desenvolve através do levantamento de informações e conteúdo teórico acerca da temática entrelaçando às conexões pessoais estabelecidas, utilizando-se de reflexões, registros e entrevistas que tragam minha experiência enquanto arte-educadora de teatro por seis anos em espaços com ambientes diversos. O *locus* utilizado neste estudo é uma escola municipal de Ensino Fundamental da cidade de Santos, no litoral do estado de São Paulo. Trata-se de uma escola com cerca de 500 alunos, com um espaço mediano e com ambientes comuns a muitas escolas brasileiras. O trabalho está dividido em dois capítulos. No primeiro capítulo discute-se conceitos importantes para este estudo como dramaturgia, espaço e criação em *site-specific*. No segundo capítulo o foco está no aprofundamento do conceito de espaço escolar e na ideia de ocupação. O trabalho também tece propostas de criação artística a partir da análise de espaços da escola onde a pesquisa de campo foi realizada. Este trabalho parte da hipótese de que os espaços possuem potencialidades de criação dramática pouco exploradas no ambiente escolar.

**Palavras chaves:** dramaturgia do espaço; *site-specific*; espaço escolar; democratização do espaço.

## SUMÁRIO

<b>1. INTRODUÇÃO</b>	<b>10</b>
<b>2. DRAMATURGIA DO ESPAÇO</b>	<b>15</b>
2.1 O ESPAÇO NO TEATRO	15
2.2 CRIAÇÃO EM SITE-SPECIFIC	19
<b>3. ESPAÇO ESCOLAR</b>	<b>22</b>
3.1 CARACTERÍSTICAS DO ESPAÇO ESCOLAR NAS ESCOLAS MUNICIPAIS DE SANTOS	22
3.2. OCUPAÇÃO DO ESPAÇO SOB DIFERENTES PERSPECTIVAS.	26
3.3. RELAÇÕES DE PODER NA ESCOLA: COMO SE DISPÕEM NO ESPAÇO?	32
3.4. EXPLORANDO POSSIBILIDADES DE CRIAÇÃO	35
3.4.1. Pátio	35
3.4.2. Corredor	36
3.4.3. Banheiro Feminino	37
<b>4. CONSIDERAÇÕES FINAIS</b>	<b>39</b>
<b>REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS</b>	<b>43</b>
<b>APÊNDICE</b>	<b>45</b>
<b>ANEXO</b>	<b>49</b>

## LISTA DE FIGURAS

Figura 1 - Estúdioteca	23
Figura 2 - Entrada e parquinho da escola.	23
Figura 3 - Pátio	24
Figura 4 - Quadra	24
Figura 5 - Lateral do pátio, com refeitório, bebedouro, banheiros e entrada para o segundo prédio	25
Figura 6 - Mesa do inspetor de alunos	33
Figura 7 - Sala de aula	33
Figura 8 - Pátio (vista do lado direito), com palco e refeitório ao fundo	35
Figura 9 - Corredor do Ensino Fundamental II	36
Figura 10 -Banheiro feminino	37
Figura 11 - Inscritos nas portas do banheiro	38

## 1. INTRODUÇÃO

A presente pesquisa busca refletir sobre o espaço escolar. Espera problematizar os ambientes plurais que compõem a escola como salas, corredores, pátio, escadas, banheiros, cozinha, área externa, entre outros, propondo um estudo desses espaços e suas possibilidades de exploração nas aulas de Artes Cênicas. Para isso, compreende o espaço enquanto uma dramaturgia, um território de aprendizagem a ser ocupado por alunos e docentes, que pode fomentar novos diálogos e possibilidades. A criação em *site-specific*, a partir de um espaço específico, é um caminho para a criação artística considerando o espaço físico com todas as suas características e particularidades. A pesquisa irá investigar o espaço de forma teórica em diálogo com reflexões e conexões pessoais, trazendo minha experiência com espaços alternativos na educação e propondo alternativas à sala de aula ou de ensaio.

Meu caminho no teatro intersecciona com a minha relação com o espaço. Quando criança, mudei muitas vezes de cidade, de casa e de rotina. Precisava me adaptar e entender a dinâmica de espaços nos quais estava, mas não pertencia. Ingressei no caminho do teatro por meio do cinema, em 2013, mas em ambas as linguagens realizei projetos e vivi experiências que considero preciosas para uma estudante. Como exemplo, destaco o projeto audiovisual que participei no ensino fundamental no ano de 2013, em Santos, onde experimentei a função de diretora, e nós, alunos, pudemos produzir nosso próprio filme, exibido no cinema local. Já no ensino médio, de 2014 a 2016, estava à frente da maioria dos projetos escolares: representante de classe, grêmio estudantil e conselho escolar. Passei a organizar peças de teatro com os colegas, assumindo o papel de encenadora, sem depender de um professor ou uma atividade como motivadora para a criação. A escola sempre foi o meu território de exploração, meu lar. Quando comecei a estudar teatro profissionalmente em 2017, logo passei a dar aulas em oficinas de teatro no ensino não-formal. O ato de ensinar me fazia entender a dimensão dos conteúdos que aprendia. Me formei artista ao mesmo passo que me entendi como educadora.

Entrei em um projeto de Educação Integral da prefeitura de Santos, o programa “Escola Total - Jornada Ampliada”<sup>1</sup> ministrando oficinas de teatro no contraturno escolar do

---

<sup>1</sup>Criado em 2006, o Programa Escola Total – Jornada Ampliada nasceu a partir do Programa Santos Criança, que já investia em políticas articuladas entre as secretarias de Esporte e Cultura e com as organizações sociais da cidade, com o objetivo de fomentar o desenvolvimento integral na primeira infância. Assim, a cidade passou a oferecer Educação Integral em duas modalidades para as escolas de ensino fundamental da rede municipal, fortalecendo o vínculo da criança com a escola e com a educação. Disponível em: <https://www.camarasantos.sp.gov.br/camara-conquista-espaco-no-portuarios-para-o-escola-total> Acesso em 24/05/2023.

ensino fundamental I e II. Não havia espaço físico disponível na escola para os alunos, então, o programa ocupava um centro esportivo no entorno das escolas, mas não havia um local adequado para as aulas. A primeira aula de teatro que ministrei foi em uma rua sem saída, embaixo de sol. Estudava teatro havia somente um ano e me vi frente a um lugar completamente diferente da sala de ensaio ou do palco. Ruídos externos, pássaros, insetos, pedestres transitando e vinte e cinco crianças e adolescentes de uma turma em pé me esperando para uma oficina.

Passei a ocupar espaços no centro esportivo, improvisar aulas, adaptar exercícios que eu estudava à noite no Curso de Formação de Atores<sup>2</sup> e estudar pedagogia do teatro. Dei aula de teatro em quadra poliesportiva, quadra de bocha, academia, beira de piscina, parquinho infantil, corredor, hall de entrada, salas minúsculas, banheiro, entre as árvores etc. Adaptava os exercícios e as apresentações. Se na sala de ensaio, enquanto atriz, me concentrava com o silêncio, como educadora direcionava os meus alunos a se concentrarem em meio a quantidade de sons diferentes que um ambiente externo poderia ter. Se enquanto atriz me relacionava com o cenário da peça, como educadora transformava uma quadra de bocha em um tapete vermelho, e o que mais fosse necessário, tudo de maneira lúdica, através da brincadeira. O corredor da sala de spinning era o lugar perfeito para um exercício de confiança. Nada melhor do que uma aula junto às árvores e barulhos de ônibus para aprender a projetar a voz. E um depósito esportivo me parecia escuro o suficiente para se transformar no fundo do mar com uma simples projeção de luz. Enxergava potencial nos espaços não ocupados, o que me colocou frente a novas possibilidades de ocupação estética que vão além do tradicional palco italiano.

Penso o teatro de maneira abrangente, como uma verdadeira experiência. Em minha compreensão, experiências sempre estiveram relacionadas com lugares que estabeleci uma verdadeira relação, territórios que explorei o máximo que pude. Como afirma o autor Jorge Larrosa Bondía, “a experiência é o que nos passa, o que nos acontece, o que nos toca.” (2002, p. 21). Ou seja, diferente para cada pessoa, já que os atravessamentos são singulares e o que marca uma pessoa pode não marcar a outra. O autor estabelece a experiência em uma mediação entre conhecimento e vida humana, uma relação (Bondía, 2002, p. 26 e 27). Como

---

<sup>2</sup> Mantida pela Secretaria de Cultura de Santos, a EAC Wilson Geraldo já formou mais de cem profissionais, que hoje estão atuando nos palcos ou trabalhando como diretores, produtores, figurinistas e professores de teatro. O curso de formação de atores tem duração de três anos. Os alunos formados pela escola, com direção artística de Renata Zhaneta, recebem o DRT, registro profissional para o exercício da profissão, resultado de parceria com o Sindicato dos Artistas do Estado de São Paulo. Disponível em: <https://www.santos.sp.gov.br/?q=noticia/escola-de-artes-cenicas-de-santos-abre-inscricoes-para-selecao-nesta-segunda-feira> Acesso em: 24/05/2023

o teatro é uma linguagem que estabelece constante diálogo entre suas dramaturgias, está sempre em relação, assim como a experiência. A abordagem do teatro como experiência é fundamental na forma com que enxergo a arte teatral: a relação e o encontro. E o espaço traz uma imersão que fomenta a experiência do teatro, tanto para o criador quanto para o público.

O ambiente de ensino dentro da escola, seja a sala de aula ou os espaços alternativos a ela, como, por exemplo, quadras e corredores, não constituem o edifício teatral propriamente dito. Não possuem, na maioria dos casos, as mesmas características, estruturas e materiais como uma acústica adequada, refletores etc. Todavia, a arte teatral pode se desenvolver nesses espaços, seja na escola, na rua, ou em tantos outros lugares. Para que o fenômeno teatral aconteça, pode-se dizer que o essencial é o encontro, a troca, a disponibilidade entre atores e plateia. Augusto Boal (1983), um dos principais teatrólogos do Brasil, acreditava que se podia fazer teatro em qualquer lugar, inclusive nos teatros.

É inegável a versatilidade da arte teatral, artística e pedagogicamente, de se adaptar a condições diversas, mas grande parte dessas adaptações e modificações realizadas são feitas devido ao espaço disponibilizado. Visto isso, trago os seguintes questionamentos para este trabalho: 1. Por que os espaços, dentro da maioria das escolas, seguem sendo pouco explorados enquanto potência dramaturgica, sendo que estes afetam a maioria dos projetos teatrais de ensino? 2. Por que ignorar a natureza dos espaços, como por exemplo uma quadra poliesportiva, e tentar transformá-la em um palco italiano, quando pode-se potencializar suas características enquanto quadra poliesportiva? 3. E por que existe tão pouco da interferência do aluno nessas adaptações, uma vez que o aluno é fundamental para a escola?

Busca-se com essa pesquisa, então, investigar novas possibilidades de trabalhar a dramaturgia do espaço na escola, a fim de propor novos territórios de aprendizagem e encenação em escolas públicas de ensino fundamental. Para isso, é feito um levantamento sobre estudos existentes que abordam o lugar do espaço no teatro, relacionando com conceitos de obras em *site-specific*. Também é utilizado, como objeto de análise do espaço, uma escola municipal de ensino fundamental de Santos.<sup>3</sup>

A pesquisa se desenvolve a partir de três pontos principais: pesquisar autores e autoras que estudam a dramaturgia do espaço, a fim de levantar informações e conceitos sobre a criação em *site-specific*, relacionando-os com o ambiente escolar de aprendizagem. Refletir e problematizar acerca da estrutura das relações de poderes presentes nas instituições de ensino

---

<sup>3</sup> A escola em questão localiza-se no bairro Aparecida, o mais populoso da cidade de Santos, que concentra pontos comerciais e culturais importantes e está próximo a uma área nobre. Contudo, é marcado por conjuntos habitacionais populares, abrangendo principalmente uma comunidade com poder aquisitivo mais baixo.

e como isso reverbera no espaço escolar, pensando em como o discente pode ocupar esse espaço de aprendizagem de maneira democrática. E, por fim, traçar novas possibilidades de exploração e criação em *site-specific* a partir da análise do espaço escolar e de seu potencial dramático.

Há várias dramaturgias que podem compor uma encenação e uma das que mais afeta o ambiente escolar, normalmente, é o espaço. É comum que as escolas, especialmente as públicas, não possuam a mesma estrutura física de um teatro, que é um lugar preparado e equipado para receber uma apresentação. Para desenvolver uma encenação em ambiente escolar, muitas vezes, é necessário realizar adaptações e interferências que estejam em diálogo com a escola. O espaço escolar possui suas singularidades e características, podendo evocar sensações como identidade e pertencimento em seus discentes. De acordo com Silva (2018):

O sentido de pertencimento escolar que se considera como modelo para o alunado é aquele que privilegia, além do conteúdo curricular, a emoção e a afetividade que o espaço escolar possa proporcionar a toda a comunidade envolvida. Entende-se que as relações de identidade e pertencimento ao lugar são mescladas no processo de apropriação e territorialização do espaço. Isto é possível quando os sujeitos desenvolvem, neste local, valores atrelados aos seus sentimentos e à sua identidade cultural e simbólica, recriando o espaço onde vive ao qual se identificam e se sentem pertencer. (Silva, 2018, p. 132 *apud* Raffestin, 1993, p.144)

Acredito que o teatro, em razão de suas especificidades de exploração estética, é uma linguagem com grande potencial para dar visibilidade e ocupar espaços pouco explorados na escola. E pensar o espaço enquanto dramaturgia no contexto escolar pode proporcionar essa visibilidade. Os ambientes pulsam de potencial artístico e temáticas a serem abordadas. Enxergo a criação em *site-specific* como um caminho para pensar a construção a partir do espaço no ambiente escolar, de entender a arte-educação e o teatro como presente em todo lugar, a todo momento. Há potência nos espaços esquecidos, ignorados, pouco explorados, e a aprendizagem é ampla, se relaciona com o meio em que o aluno está inserido. Entendo que são várias as possibilidades de criação a partir, por exemplo, de um velho pátio ou de um corredor ignorado. Um banheiro feminino com seus diálogos, pichações e marcas pode ser um pontapé para uma encenação dentro do universo adolescente.

Essa pesquisa busca estabelecer um diálogo entre autores como Nayara Oliveira (2017), que em sua dissertação de mestrado investiga sobre o espaço escolar, e José Jackson Silva (2019, 2020, 2022), que pesquisa o espaço como motivador da criação cênica a partir da criação em *site-specific*, ou seja, a partir de espaços pré-determinados. A presente pesquisa, então, busca relacionar tais conceitos, propondo um diálogo entre ambos junto às

particularidades do espaço escolar. Entendendo a dramaturgia do espaço como um caminho para propor novas formas de ocupação democrática dos ambientes que compõem a escola.

Entendo que o espaço democrático é aquele onde docentes e discentes possam explorar possibilidades criativas sem restrições impostas por espaços físicos limitantes, como a sala de aula ou um espaço próprio para uma determinada atividade. Entendendo também o sentido de ocupação escolar no sentido de que o jovem vive o espaço e o adequa, conforma, utiliza, resiste e cria novos propósitos segundo suas vivências e perspectivas (Oliveira, 2017, p. 109). Isto não significa que abandonar a sala de aula é o caminho que acredito, mas sim, entender que há outras possibilidades de espaço físico que podem propiciar diferentes estímulos aos alunos, alcançando novos lugares nas aulas de artes cênicas.

Essa pesquisa apresenta como metodologia a pesquisa sobre artes e a etnografia escolar, analisando um objeto artístico específico: a dramaturgia do espaço e suas possibilidades na escola. Para tal, utiliza-se da metodologia de pesquisa bibliográfica a fim de levantar conceitos e referências acerca do tema e as ramificações correlatas elencadas nos objetivos gerais e específicos da pesquisa. A pesquisa bibliográfica é realizada através de análise de livros, artigos, textos acadêmicos, monografias e conceitos. Busca-se estabelecer diálogos entre dramaturgia do espaço, território de aprendizagem, criação em *site-specific*, democratização e ocupação do espaço escolar e a figura do encenador no processo de criação artística na escola.

No que tange a etnografia escolar, os conceitos são analisados considerando o contexto e o cotidiano escolar (André, 2005). Pesquisas acerca dos papéis estabelecidos na hierarquia escolar e como elas reverberam no espaço, análises de entrevistas com educadores acerca da relação do espaço escolar são métodos utilizados. A pesquisa também utiliza uma escola como exemplo da investigação do espaço para levantar propostas de ocupação. Uma escola municipal que atende há mais de 95 anos o ensino fundamental no bairro Aparecida, em Santos, com a média de 500 alunos matriculados.

A presente pesquisa está organizada da seguinte forma: introdução, dois capítulos, sendo um deles acerca do espaço a partir da linguagem teatral e o segundo aprofundando sobre o ambiente escolar, considerações finais, referências bibliográficas, apêndices e anexos que trazem mais informações sobre a pesquisa.

## 2. DRAMATURGIA DO ESPAÇO

O primeiro capítulo desta pesquisa irá se desdobrar acerca das características do espaço na linguagem teatral, entendendo o espaço enquanto potência dramática. Para tal, relaciona autores como Patrice Pavis (2008), José Jackson Silva (2019, 2020, 2022), Matteo Bonfitto (2011), Rebouças (2010, 2022), Carvalho (2014), Pearson (2010) e Lehmann (2008) com a proposta de pesquisa acerca da potencialidade do espaço escolar como motriz da criação cênica nas aulas de Teatro. O capítulo também investiga em um segundo momento sobre as características da criação em *site-specific*, entendendo como uma possibilidade para se pensar a dramaturgia do espaço. Pretende-se neste capítulo trazer contextualizações, significados e trechos que viabilizem tais associações, tecendo um panorama sobre o lugar do espaço no teatro, para que no segundo capítulo as características do espaço escolar sejam aprofundadas.

### 2.1 O ESPAÇO NO TEATRO

O espaço é um dos conceitos mais antigos discutidos pelos estudiosos do teatro, desde os primórdios do teatro grego, relacionando-se com a efemeridade do teatro através da ritualística do presente. Ou seja, o espaço da cena e o tempo, no momento presente, são fundamentais para que haja a relação entre ator e espectador, a relação primordial do teatro.

Pode-se citar como exemplo as Dionisiacas, rituais de celebração dedicados ao deus Dionísio, onde ocupavam-se as ruas, surgindo o conceito de teatro na Grécia. A cena se misturava ao ritual e ambos existiam em sintonia com o lugar. Patrice Pavis (2008) aponta o espaço como primordial na ação ritualizada, relacionando com o círculo, o espaço em arena, característica marcante do teatro grego.

O espaço cênico se organiza em estreita relação com o espaço teatral (o do local, do edifício, da sala). Ele conheceu todas as formas e reações como lugar dos espectadores. Se admitirmos a origem ritual do teatro, a participação de um grupo numa cerimônia, num rito, e depois numa ação ritualizada, o círculo figura o local primordial e a cena não exige um ângulo de visão ou uma distância particulares. (Pavis, 2008, p. 133)

Outro ponto que deve ser considerado a partir do dicionário de Pavis (2008) são os conceitos de espaço dramático e espaço cênico. Segundo o autor, “O primeiro é o espaço ficcionalizado, próprio da obra, construído pela imaginação do espectador. Já o segundo trata-se da área cênica de atuação física utilizada pelos atores, onde a efemeridade do teatro e

troca com a plateia acontece”. (Pavis, 2008, p. 132). O espaço dramático trata-se do espaço fictício que se passa dentro da cena, é o espaço do texto dramático, e o espaço cênico é o dito “palco”, o local físico onde acontece a encenação.

O espaço dramático depende de diversos fatores, variando de acordo com a obra encenada, e deve-se considerar que o espaço dramático provoca intervenções no espaço cênico. Contudo, na abordagem em *site-specific* a obra artística dialoga com espaço cênico em que está inserido. Ou seja, uma relação onde o espaço cênico interfere diretamente no espaço dramático. Todavia, analisaremos isso um pouco mais a frente. A pesquisa, neste momento, se debruça sobre o espaço cênico a partir das definições estabelecidas acima.

A palavra dramaturgia vem do grego *dramatourgía*, e significa composição ou representação de uma peça de teatro. Relaciona-se com o termo *drama*, também do grego, que significa ação. De maneira comum, a dramaturgia é associada aos textos teatrais, sendo seu escritor chamado de dramaturgo. Contudo, se nos debruçarmos sobre o significado etimológico da palavra, dramaturgia trás o termo composição, ou seja, a constituição de um todo. E o todo, dentro de uma encenação teatral, abrange muito mais que somente a parte textual.

Pensaremos então o significado da dramaturgia nesta pesquisa a partir da composição do fenômeno teatral, de maneira a ser preenchido por diferentes camadas. Assumindo a dramaturgia como camadas, podemos entender toda a trama necessária para a composição de uma encenação teatral, tais como texto, cenário, espaço, atores, som, dentre outros. Tal concepção relaciona-se com o conceito de texturas para dramaturgia, abordado por Matteo Bonfitto (2011, pg. 58) “a noção de dramaturgia como textura envolve camadas que são produzidas pelos elementos que compõem o fenômeno teatral e suas inter-relações”.

Outros autores, como o já citado Patrice Pavis em Dicionário do Teatro, estabelecem relações semelhantes às estabelecidas por Bonfitto (2011). Em relação com a leitura do espaço de Pavis (1998), José Jackson Silva (2019), um pesquisador brasileiro que aborda a criação em *site-specific*, ou seja, atrelada a espaços determinados, em seu artigo *O Site-specific como Dramaturgia do Espetáculo* estabelece esta conceituação:

Num sentido mais recente, a dramaturgia tende a ultrapassar o âmbito de escrita e estudo do texto dramático, para englobar texto e realização cênica. De tal modo, que dramaturgia pode designar tanto o texto dramático quanto os meios cênicos empregados na encenação. (Silva, 2019, pág. 91 *apud* Pavis, 1998)

A partir de tais percepções, é possível inferir que a dramaturgia do espaço se distancia do lugar textocêntrico ocupado por muitas encenações ao longo dos anos, trazendo uma nova abordagem e possibilidade de criação a partir da linguagem do espaço. Essa relação com o espaço cênico enquanto motriz da criação se estabelece no ocidente principalmente a partir do século XX, com a quebra da representação realista, e com autores como Bertolt Brecht (1949) e Antonin Artaud (1938), buscando novas formas de encenação, como exemplificado por Bonfitto em *Tecendo os sentidos: a dramaturgia como textura* (2011).

A dramaturgia do espaço engloba os conceitos de espaço dramático, cênico e cenografia aplicados ao papel do encenador contemporâneo. Renato Rebouças (2022) estabelece conexões da cenografia enquanto linguagem integrante na composição do espetáculo, trazendo novamente a visão de composição para o elemento espacial: “A expansão da cenografia como ambiente adentra a composição dramaturgica em todos os seus níveis, incorporando essas diversas camadas de informação na narrativa. Todo o espaço torna-se o espaço da cena/performance.” (Rebouças, 2022, p.11). Isso nos distancia de sistematizar o estudo do espaço ou de uma cenografia teatral pautada somente em questões plásticas e estéticas. O espaço comunica, para além de um cenário, ele serve ao espetáculo tanto como o texto que os atores estão falando. Tal ponto de vista possibilita o teatro a ocupar novos espaços que fujam dos edifícios teatrais.

Na contemporaneidade, o espaço do teatro para além do palco italiano é uma realidade entre diversos grupos, coletivos e companhias teatrais, seja em suas próprias sedes, como a Cia Mungunzá, ou a Cia Antropofágica, ambas de São Paulo, ou explorando o espaço das cidades para criação, como o Teatro da Vertigem, de São Paulo, e o Teatro do Concreto, de Brasília ou o Coletivo 302, de Cubatão. São novas formas de investigar linguagens e modos de criação que trazem o espaço a partir de outras perspectivas, seja seus locais estabelecidos ou a paisagem urbana. Francis Wilker de Carvalho (2014), diretor do Teatro de Concreto, afirma que:

Ao intuir que um determinado espaço pode ampliar as leituras de uma cena e sua consequente construção de sentido, é porque reconheço, em algum nível, que nessa operação estética há diferentes camadas de discurso que podem compor, se atirar, se justapor, se complementar. Se escolhermos um lago e não um teatro ou uma praça para determinada cena ou performance, é porque há, nesse espaço específico, elementos que interessam na elaboração desse discurso e no jogo que se deseja estabelecer com os transeuntes ou espectadores. (Carvalho, 2014, p. 43)

O espaço como dramaturgia, portanto, vai além do ato de representar uma cena em um local fora do edifício teatral, ultrapassa desejos exclusivamente estéticos para a obra artística.

Envolve uma questão de simbologia, de significados. Quais diálogos o espaço pode proporcionar e como podem se relacionar com a criação artística? O autor evoca a questão do discurso e do jogo que deseja estabelecer com os espectadores, evidenciando que o espaço pode comunicar, tanto de uma forma intrínseca quanto explícita. É preciso que o grupo ou pesquisador estabeleça um significado, uma relação com o espaço. De acordo com a visão de Rebouças (2010), Freitas (2016) pontua:

O pesquisador toma como referência a premissa de que os espaços reais, tomados como linguagem (cenário) contribuem para a definição da identidade da escrita cênica. Interferem diretamente na construção do sentido do espetáculo, pois sugerem, através de sua história, sensações e memórias. (Freitas, 2016, p. 26, *apud* Rebouças, 2010, p. 11)

A relação da cena com o espaço, como proposto por tais grupos e pesquisadores, entende o espaço teatral como um ambiente de experiência.

Ao vincular-se ao acontecimento cênico, o espaço passou a reorganizar os agentes do espetáculo, do antigo modelo cartesiano (espaço para exibição de um evento cênico planejado diante de um público), para um ambiente de experiências (lugar do gesto compartilhado entre atores e público), no qual compreende o espetáculo como pertencendo àquele espaço, e, se o espaço muda, a inter-relação dos agentes também é modificada. (Silva, 2019, p. 91)

Ao trazer a arte para lugares convencionalmente não-teatrais, principalmente quando se fala de espaços públicos, pontua-se um estranhamento, que além de atingir o público que assiste ao espetáculo, atinge os transeuntes do espaço urbano que se veem de frente ao acontecimento artístico. Acredito que tal abordagem traz consigo a democratização da arte e do espaço: pode-se trazer a arte para todo lugar, fugindo de espaços restritos, historicamente elitistas, e atingindo populações que muitas vezes não frequentam o espaço teatral em seu cotidiano.

Jackson Silva (2019) também exemplifica a dramaturgia do espaço quando em relação ao protagonismo estabelecido pela abordagem em *site-specific*: “O espaço passa a ser um dos agentes da dramaturgia, especialmente, quando suas estruturas e conjunturas são protagonistas, a ponto de ser o centro da criação e desenvolvimento do espetáculo”. (Silva, 2019, p. 99). Tal abordagem traz relações com a espacialidade na criação artística se aproximando do conceito que, embora conhecido nas artes visuais e na performance, pouco se relacionava com teatro, principalmente no que diz respeito ao teatro-educação. Investigaremos, então, acerca da criação em *site-specific*.

## 2.2 CRIAÇÃO EM *SITE-SPECIFIC*

Partindo do princípio de como o espaço influencia o fazer artístico, a abordagem em *site-specific* vem de um termo proveniente das artes visuais, ligada à arte ambiente. De acordo com Silva (2022, p. 6), o termo *site-specific*, literalmente traduzido, se constitui através de duas palavras: *site* (espaço) e *specific*, derivada de *specificity* (especificidade), que vinculam a linguagem teatral ao que há de específico nos espaços nomeados para a criação cênica. Ou seja, obras criadas a partir de um ambiente e com um espaço determinado, onde os elementos dialogam com o meio para o qual a obra é elaborada.

[...] A prática *site-specific* viria a radicalizar a relação com o local onde o trabalho artístico é realizado, causando uma mudança de paradigma ao conectar o ambiente na experiência artística, tanto para os artistas na criação e produção das obras, quanto para o público ao apreciar o trabalho. (Silva, Torres Neto, 2020, p.9)

As obras em *site-specific*, portanto, se relacionam com os conceitos definidos no tópico anterior para a dramaturgia do espaço, adquirem camadas que comunicam tanto quanto outros conceitos da encenação, uma vez que o espaço passa a ser o agente motriz da criação. Ao evidenciar a criação a partir do espaço, podem surgir amplas possibilidades de discursos e significados, tanto visuais quanto culturais, já que o espaço adquire maior visibilidade cênica. Jackson Silva (2022) exemplifica isso no trecho a seguir.

A singularidade espacial se une à obra de maneira estrutural, em tão alto grau que diversos artistas assinalam para uma sensação de esvaziamento quando as peças são reterritorializadas em outros lugares. Isso porque o espaço é considerado mais por suas camadas históricas, sociais e discursivas, do que pela espacialidade em si. (Silva, 2022, p.6)

No teatro brasileiro, pode-se dizer que o termo *site-specific* é recente. Embora autores como Pearson (2010) e Lehman (2008) tratem sobre o tema no exterior, Silva é um dos pesquisadores que mais aborda o termo em seus artigos e pesquisas a partir de 2018, podendo citar como exemplo: *O Site-specific Como Dramaturgia do Espetáculo* (2019), *Considerações sobre o conceito de site-specific no Teatro Brasileiro* (2020), *O site-specific na perspectiva da direção teatral* (2020), *Reorientando fundamentos teatrais nas encenações site-specific* (2022). Por consequência, se configura como um dos autores utilizados como base de pesquisa desta monografia.

Para Pearson (2010), o teatro *site-specific*:

[...] se constitui a partir do estabelecimento de uma ocupação e investigação do espaço não-teatral como possibilidade de criação, ambiente no qual a obra será concebida e condicionada pelas particularidades do espaço, sem as quais o trabalho se esgota. (Silva, 2022, pág 5 *apud* Pearson, 2010)

O espaço não-teatral também é conhecido como não convencional. São espaços que não foram originalmente pensados para apresentações teatrais, como acontece com Teatros, Teatros de Arenas, Salões. São espaços a serem ocupados pelo teatro, sendo ao ar livre ou não. Pearson destaca sobre a investigação e ocupação de novos espaços no teatro *site-specific*, antes não considerados para a criação teatral, e os considera fundamentais para o desenvolvimento do trabalho.

Compreendemos que a encenação se estabelece como *site-specific* quando o espaço não-teatral é admitido como possibilidade cênica a partir da realidade histórica (ou das conjecturas imagéticas), daquele lugar no qual os produtores irão se deter para criar seus trabalhos num diálogo permanente com as circunstâncias próprias do ambiente. (Silva, 2022, p. 11)

Em obras em *site-specific*, a cena teatral obrigatoriamente vai dialogar com o espaço que está sendo realizado, vai trazer discursos e discussões em seu texto ou encenação que são motivadas ou comuns a esses espaços. É um diálogo que sempre está atual para frequentadores do espaço, e proporciona novas formas de enxergar tal ambiente.

No que se refere às aulas de teatro no ambiente escolar, a abordagem da criação em *site-specific* pode oportunizar uma série de questões relacionadas à leitura e a ocupação do espaço escolar, principalmente para o discente. Ocupar o território escolar com a obra artística pode ser uma parte integrante do processo de aprendizagem, potencializando o olhar teatral para discursos e diálogos possíveis em ambientes para além do auditório ou da sala de aula. Aproximando, ao mesmo tempo, do teatro que ocupa espaços não-teatrais, que fogem aos tradicionais palcos e teatros, e o cotidiano dos alunos que frequentam o ambiente escolar diariamente, podendo entendê-lo como possível de ser ocupado pela arte.

Tal linguagem de encenação teatral é comum em grupos e coletivos, como os já citados Teatro da Vertigem, Teatro do Concreto, entre outros. Trazer essa abordagem para o espaço escolar pode colocar o teatro feito nas escolas mais próximo do que é produzido nessa alçada pela contemporaneidade, evocando uma característica de experimentação que pode ser potente para o aprendizado.

Para além do estudo das características e possibilidades do espaço, é preciso enxergá-lo na educação enquanto linguagem. O espaço escolar tem estruturas históricas e culturais que trazem significados, comunicam funções e valores. A escola é um território de aprendizagem múltiplo e possui inúmeras possibilidades de ocupação. Tais conceitos iremos nos debruçar no capítulo a seguir. Como definido por Lehmann (2008, p.281) “O teatro específico ao local procura uma localidade não tanto porque o “local” corresponda particularmente bem a um determinado texto, mas, sobretudo, porque se visa que o próprio espaço seja trazido à fala por meio do teatro”.

Quantos espaços podem ser trazidos à fala a partir desta abordagem na escola? Lugares que são pouco vistos como potencial artístico. Embora o teatro contemporâneo traga em diversos grupos a ocupação artística da cidade, como observamos no tópico anterior, tal característica pouco se aplica no ambiente escolar, lugar que iremos investigar neste segundo capítulo.

### 3. ESPAÇO ESCOLAR

O segundo capítulo investiga o espaço escolar, analisando suas características, relações de poder, e como são normalmente utilizados a partir de estudos como os realizados por Foucault (2002) e Silva (2018). O capítulo também se desdobra acerca do termo ocupação, analisando a relação dos alunos com os espaços disponíveis na escola. Por meio de entrevistas e análise de artigos e propostas investiga possibilidades de exploração do espaço no meio escolar.

Utilizo como ponto de partida a dissertação de mestrado *Jovens e o Espaço Escolar: ocupações, concepções e expectativas sobre a escola*, de Nayara Oliveira (2017), que estabelece um diálogo interessante e aprofundado sobre o espaço escolar e suas intersecções. Embora a dissertação traga uma abordagem voltada ao Ensino Médio, acredito que as características do espaço escolar não sejam muito diferentes no Ensino Fundamental, uma vez que a base estrutural das escolas conta com os mesmos ambientes, com poucas variações pontuais entre si. Busco, antes de tudo, estabelecer o diálogo do espaço escolar com a dramaturgia cênica que tange o teatro.

#### 3.1 CARACTERÍSTICAS DO ESPAÇO ESCOLAR NAS ESCOLAS MUNICIPAIS DE SANTOS

As escolas públicas de Santos, assim como grande parte do país, se dividem em redes estaduais e municipais. As estaduais atendem ao Ensino Fundamental II e Médio e as municipais atendem desde a Educação Infantil até o Ensino Fundamental II e Educação de Jovens e Adultos. Nessa pesquisa nos desdobramos acerca das escolas municipais, especificamente as escolas de Ensino Fundamental, utilizando uma escola específica como *lócus* da pesquisa.

Em linhas gerais, as escolas municipais de Santos, as UMEs<sup>4</sup>, possuem características padronizadas. Os alunos utilizam o mesmo uniforme em todos os níveis, das cores branco e azul marinho. A tonalidade azul também é comum nas escolas públicas municipais da cidade, sendo amplamente utilizada nas estruturas físicas das escolas, nos muros e portões. As escolas de ensino fundamental também possuem algumas estruturas comuns entre si. Além dos espaços tradicionais de uma escola como pátio, sala dos professores, diretoria, coordenação, salas de aula, banheiros, cozinha, refeitório e quadra poliesportiva, as escolas municipais possuem padronização em outros equipamentos próprios do município, como as bibliotecas e

---

<sup>4</sup>UME, sigla para Unidade Municipal de Ensino utilizada em Santos.

estudiotecas, onde há livros, jogos educativos, computadores, mesas para trabalhos em grupo, projetor, lousa digital. Espaços que surgiram com o projeto Escolas que Inovam<sup>5</sup>, um convênio da prefeitura com uma empresa portuária da cidade.

Figura 1 - Estúdioteca



Fonte: Acervo pessoal da autora.

O lócus da pesquisa é uma UME que atende do 1º ao 9º ano do Ensino Fundamental, situada no bairro Aparecida, um dos bairros mais populosos da cidade, com diversos conjuntos habitacionais populares, comércio e, em uma dualidade, shoppings e prédios luxuosos, sendo vizinho de uma área nobre da cidade, a Ponta da Praia. Com cerca de 500 alunos, a escola é uma das mais antigas da cidade, há 95 anos no mesmo local.

Figura 2 - Entrada e parquinho da escola.



Fonte: Acervo pessoal da autora.

---

<sup>5</sup>Disponível em:

<https://jornaldaorla.com.br/noticias/37506-em-santos-escolas-de-ensino-fundamental-terao-estudiotecas-com-equipamentos-tecnicos/> Acesso em 04/11/2023.

Ao entrar na escola nos vemos frente a um parquinho abandonado à direita, um jardim à esquerda e à frente uma construção antiga, um antigo casarão, que é o primeiro prédio da instituição, acima do nível do solo. Ao subir a escada está a secretaria, ao lado direito ficam a diretoria, sala dos professores, sala da orientadora e estudioteca, já, ao lado esquerdo, copa dos funcionários, duas salas de aula e uma escada que leva ao piso superior. Ao subir a escada tem-se a mesa do inspetor, várias salas de aula, armários, um laboratório de ciências e dois banheiros ao fundo. Neste prédio estudam somente os alunos do Ensino Fundamental II, atendendo no horário da manhã o 8º e 9º ano e a tarde o 6º e 7º ano.

Figura 3 - Pátio



Fonte: Acervo pessoal da autora.

Figura 4 - Quadra

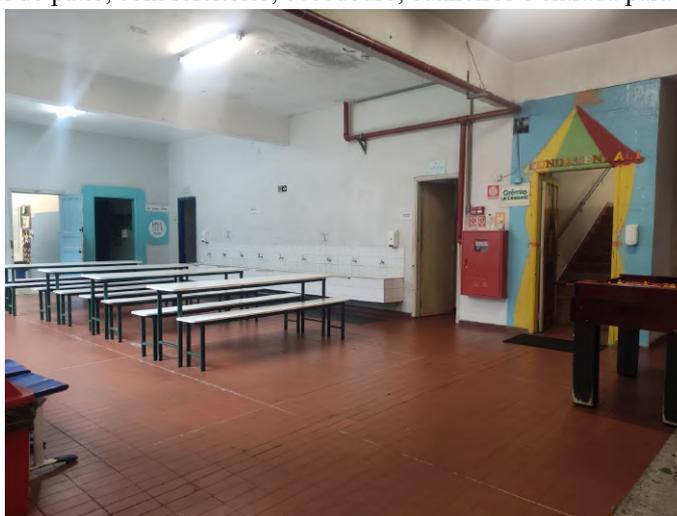


Fonte: Acervo pessoal da autora.

No meio do terreno da escola está o pátio, não muito grande, que é ligado ao casarão por uma escada de 5 degraus. Há uma pequena quadra poliesportiva cercada por telas no meio

do pátio, ao lado do portão de entrada dos alunos. Atravessando a quadra está um pequeno corredor onde fica o bicicletário. Na frente da quadra, há um pequeno palco, um depósito de materiais esportivos e de limpeza e o refeitório à esquerda. Ao fundo, temos a coordenação e sala do grêmio estudantil. Na lateral da quadra já está o segundo prédio da instituição, construído posteriormente. No térreo há um grande bebedouro e os banheiros principais, uma sala de aula que é mantida no térreo para acessibilidade de alunos, biblioteca e uma sala de aula desativada, que é utilizada como depósito de uniforme escolar. Todo o pátio é coberto, com exceção da quadra, que fica bem no meio da escola. A biblioteca também está desativada pois está sem bibliotecário no momento.

Figura 5 - Lateral do pátio, com refeitório, bebedouro, banheiros e entrada para o segundo prédio.



Fonte: Acervo pessoal da autora.

Ao lado direito dos banheiros, fica a escada que leva a parte superior do segundo prédio, colorida, já que compreende o Ensino Fundamental I. Há uma grande diferença entre o espaço do ensino fundamental I e II. Dificilmente os pequenos transitam no espaço do prédio antigo e vice-versa. Na parte superior há dois grandes corredores com salas de aula e banheiros. Não é difícil notar desenhos de crianças, pinturas com temáticas animadas. Também há uma mesa para inspetor na subida da escada.

Não é uma escola grande, embora seja tradicional no bairro Aparecida por ser uma das mais antigas da cidade. Pessoalmente, estive como educadora da escola em questão durante 6 anos, atendendo alguns alunos da UME em um espaço anexo, já que a escola não tinha disponibilidade de espaço para o Programa Jornada Ampliada. Além disso, estudei enquanto aluna nessa escola em 2012 e 2013, onde participei de um projeto audiovisual que foi fundamental em minha vida profissional.

### 3.2. OCUPAÇÃO DO ESPAÇO SOB DIFERENTES PERSPECTIVAS.

Como esse espaço escolar é ocupado na prática nas escolas municipais de Santos? Um ambiente cheio de intersecções e pluralidade, como discutimos no tópico anterior. Para André (2005), a pesquisa etnográfica é uma das melhores formas de compreender o cotidiano escolar e suas particularidades, compreendendo sua dinâmica de uma forma abrangente. Para maior compreensão de como é essa dinâmica no ambiente municipal de Santos, principalmente na escola utilizada como *locus* da pesquisa, foi realizado um levantamento com professores e alunos, para melhor entendimento sobre a utilização desse espaço.

A primeira pesquisa foi realizada com professores de Arte ou Teatro que atendem algumas escolas municipais de Santos, a fim de realizar um levantamento acerca do uso do espaço escolar pelos docentes e como eles enxergam o uso do espaço escolar pelos discentes. A pesquisa contou com a participação de dez docentes, a maioria ministrando aula de teatro, algo que não é obrigatório dentro do currículo santista, mas que traz uma versão mais ampla para a concepção da aula de arte curricular. As perguntas abordaram a influência do espaço nas aulas, se consideram o espaço das aulas de arte adequados, adaptações feitas no espaço, uso de espaços não convencionais na escola, pertencimento e ocupação por parte dos alunos, dentre outras especificações. A pesquisa foi realizada via formulário com perguntas abertas para compartilhamento de experiências e opiniões. As perguntas se encontram descritas detalhadamente no apêndice 1.

Como análise dos resultados foi possível inferir que, no grupo pesquisado, a maioria aponta que o espaço influencia nas aulas de arte ou teatro, sendo que a sala de aula se mostra mais adequada para desenvolver projetos voltados às artes visuais como desenho e pintura. Para pesquisas cênicas e de expressão corporal os espaços não se mostram em sua maioria adequados, com professores relatando espaços pequenos ou abertos demais, repletos de adaptações para desenvolvimento artístico e pedagógico de seus projetos, como pode-se observar no relato abaixo.

“Trabalhei em diversas escolas e notei que a maioria dos espaços destinados às aulas de teatro não eram ideais para certas atividades teatrais, como alongamento e exercícios de expansão. Isso muitas vezes prejudicava o desenvolvimento dos alunos, obrigando-nos a fazer modificações e adaptações devido às limitações do espaço disponível.” - Entrevista com professora de teatro que atende o Ensino Fundamental I, realizada dia 26/10/23.

A maioria dos professores utilizou em algum momento outros espaços para as aulas de teatro, sendo o pátio e a quadra os mais citados. Quando questionados acerca da ocupação do ambiente escolar pelos alunos, muitos citam rigidez, engessamento e barreiras hierárquicas

como impedimentos para uma ocupação mais completa do espaço. Alguns apontam a necessidade de um ambiente escolar mais democrático, embora acreditem que exista um sentimento de pertencimento ao ambiente escolar por parte dos alunos. Compartilho o relato de duas professoras:

“Os espaços que os alunos utilizam são restritos aos permitidos, como salas de aula, banheiros e refeitório. No entanto, a escola possui um padrão que acaba limitando a expressão dos alunos de outras maneiras nesses espaços. Cada ambiente possui suas próprias regras, e os alunos devem aderir ao que é estipulado para cada área. Por exemplo, uma aula de dança é realizada na sala de aula, mas se um aluno quiser dançar no refeitório, ele enfrentará restrições. Portanto, os alunos utilizam os espaços, mas devem obedecer às regras específicas de cada um deles.” - Entrevista com professora de teatro que atende o Ensino Fundamental I, realizada dia 26/10/23.

“Acredito que devemos quebrar as barreiras que algumas hierarquias mantêm. Pra mim o ambiente escolar deveria ser um espaço mais democrático. As restrições são muitas e eles não são incluídos no levantamento das regras necessárias para utilização do ambiente.” Entrevista com professora de teatro que atende o Ensino Fundamental II, realizada dia 26/10/23.

Quando questionado acerca do resultado da ocupação do espaço por meio da arte, os professores citam a ressignificação de espaços cotidianos, expressão individual e coletiva, ampliação da criatividade, identidade e pertencimento como potencialidades de tal proposta, como pode-se observar no trecho a seguir. A ressignificação de espaços cotidianos é uma das motivações principais nesta pesquisa, e a liberdade no trânsito pelo espaço é fundamental para enxergar como ambientes possíveis de ser alimentados com a arte.

“Eu sinto que a arte tem o potencial de ressignificar os espaços cotidianos e no contexto do espaço escolar, tenho observado recentemente em outros ambientes, que quanto maior é a liberdade dos alunos no trânsito pelos espaços, mais férteis e inovadoras no que diz respeito aos cenários, etc, são as criações feitas por eles.” - Entrevista com professora de teatro que atende o Ensino Fundamental II, realizada dia 08/11/23.

É perceptível que há a vontade de dialogar com outros ambientes da escola, contudo, a abordagem restritiva por parte da coordenação geralmente se mostra como um empecilho, assim como a baixa carga horária da disciplina de Arte, que é de uma aula de 45 minutos por semana no Ensino Fundamental. Pode-se observar esses aspectos nos seguintes trechos:

“A coordenação geral da escola muitas vezes não oferece a liberdade necessária para que isso aconteça, tornando essa ideia distante e, às vezes, até proibida. No entanto, a apresentação de performances ou cenas em espaços alternativos pode proporcionar uma perspectiva mais criativa para os participantes. Isso eliminaria certas limitações em suas mentes e abriria um mundo de possibilidades criativas, pois os participantes entenderam que é viável criar cenas em espaços distintos do palco convencional.” - Entrevista com professora de teatro que atende o Ensino Fundamental I, realizada dia 27/10/23

“Há uma dificuldade imensa nessa produção devido às condições de tempo oferecidas na disciplina curricular arte. Um tempo de 45 minutos por semana, dificulta um pouco no desenvolvimento desses processos de confiança e mesmo de autonomia para aprender e criar.” - Entrevista com professor de arte que atende o Ensino Fundamental I e II, realizada dia 25/10/23.

Acredito que a pesquisa trouxe resultados interessantes que estabelecem diálogos com a proposta desta pesquisa. Embora a maioria dos entrevistados saiba conceitos principais acerca da dramaturgia do espaço, não utilizam o espaço físico como norteador do processo criativo. A maioria também desconhece ou conhece apenas superficialmente sobre a criação em *site-specific*.

Alguns professores entrevistados disseram ter vontade de explorar novos ambientes no espaço escolar, mas quando isso é realizado com planejamento e espontaneamente, não por condições precárias ou inadequadas do ambiente de ensino. Em minha vivência pessoal enquanto professora, muitas vezes não pude fazer tal escolha. Os ambientes não convencionais eram a única opção e devido a isso tive de fazer adaptações nas aulas de teatro e nas apresentações de cenas, o que resultou em meu interesse em explorar esses ambientes. A proposta da pesquisa não é uma crítica à sala de aula ou ao palco italiano. Pretende, contudo, refletir sobre possibilidades de exploração artística do ambiente escolar, que, muitas vezes, não é exatamente adequado às oficinas de teatro. Acredito que a exploração do espaço deve ser feita com planejamento e preparo, devido a isso enxergo a criação em *site-specific* como uma ferramenta potente para tal abordagem.

O segundo momento dessa pesquisa direcionou-se aos alunos da escola, lócus deste trabalho, sendo realizado em duas etapas. A primeira com teor quantitativo, buscou fazer um levantamento dos espaços favoritos dos alunos na escola. A segunda etapa, qualitativa, buscou entrevistar ex-alunos da mesma escola que tiveram experiências com aulas de teatro em espaços alternativos no Programa Jornada Ampliada.

Na primeira fase da pesquisa foram entrevistados 50 alunos, sendo 25 estudantes do Ensino Fundamental I e 25 estudantes do Ensino Fundamental II. Quando questionados a respeito do seu espaço favorito na escola, 82% alunos responderam que eram a quadra ou o pátio, enquanto somente 10% dos alunos responderam sala de aula. 60% dos entrevistados também afirmaram que nunca tiveram experiências de aulas de Arte fora da sala de aula, contra 34% que disseram que já tiveram aulas fora da sala de aula, citando principalmente a estudioteca como ambiente alternativo. Quando questionados a respeito de sentirem-se à vontade na escola, o que evoca a sensação de pertencimento ao ambiente escolar, 72%

disseram que sentem que a escola é um ambiente confortável e acolhedor, principalmente pelas relações de amizades estabelecidas, não necessariamente pelo espaço escolar.

Em sua dissertação de mestrado, Oliveira (2017) também encontrou resultados semelhantes sobre os espaços favoritos entre os alunos:

De fato, ao analisar o cotidiano da escola, foi possível perceber a preferência dos alunos por determinados espaços e, ao mesmo tempo, o desgosto por outros. Por ser o lugar em que conseguem estabelecer contato com seus pares, o pátio é sempre exaltado, pois é visto como lugar privilegiado onde há maior possibilidade de escapar ao papel de aluno e viver a juventude. É o lugar de trocar ideias, de construir amizades, afetividades [...] Meinerz (2005), ao observar o pátio de algumas escolas, constatou que, quase nunca, ele está vazio. Há sempre alguns alunos, por diversos motivos, ocupando esse espaço. O autor argumenta que o pátio não é um espaço de uso homogêneo, são vários os modos de ocupação. Ele é também dinâmico, pois o movimento se dá conforme o momento, sendo que, durante o intervalo, o movimento é intenso, ao passo que nos outros horários, há sempre circulação, mas não do mesmo modo. (Oliveira, 2017, p. 81 e 82)

Nas entrevistas também houve relatos que abordam o pátio e espaços ao ar livre como preferência entre os alunos:

“Meu espaço favorito é o pátio. Porque eu posso conversar com as amigas de boa, sei lá, quando vou no banheiro, às vezes, encontrar alguém, conversar... é mais livre.” M, 13 anos, aluna do 7º ano.

A segunda etapa das entrevistas foi marcada por uma conversa com ex-alunos meus do Programa Jornada Ampliada entre os anos de 2019 e 2022, questionando sobre suas memórias das aulas de teatro e da utilização do espaço. Uma conversa longa e mais aprofundada foi realizada também com o representante dos alunos através do presidente do Grêmio Estudantil da escola utilizada como *lócus* de pesquisa, disponível na íntegra nos apêndices.

É importante ressaltar que no Programa Jornada Ampliada, os alunos não utilizavam o espaço físico da escola nas atividades, mas sim, um centro esportivo próximo à escola, uma vez que não possuía um local específico dentro do terreno escolar. O Centro Esportivo e Recreativo Rebouças<sup>6</sup> trata-se de um espaço com ambientes diversos, que conta com quadras fechadas e abertas, piscinas, pista de corrida com ambiente arborizado, quadra de bocha, academia, parquinho, depósitos, salas de artes marciais. Não era um espaço pensado para crianças (exceto o parquinho) e muito menos para a realização de aulas e oficinas culturais.

A entrevista com ex-alunos abordou sobre as memórias, a relação com o espaço, o diálogo que o espaço estabelecia com as aulas e a preferência por ambientes. No espaço do Programa Jornada Ampliada, a maioria dos alunos relatou que preferia as aulas que

---

<sup>6</sup> Disponível em: <https://www.santos.sp.gov.br/?q=content/centro-esportivo-do-reboucas>. Acesso em 21/11/2023.

aconteciam em ambientes externos e não convencionais às aulas que aconteciam em salas de aula, principalmente pelo espaço ser amplo, arejado e ser diferente da sala de aula da escola regular, proporcionando novas experiências de explorar o espaço. Abaixo segue alguns relatos que citam a sala de aula convencional da escola regular:

“A aula em sala normal é chato, desculpa, é patético. Em 2023, em que a gente tem diversas tecnologias, a gente não pode usar e tem que ficar lá, é entediante. Ainda mais uma aula de arte que a gente, assim, devia explorar.” L, 15 anos, aluno do 9º ano.

“Eu preferia aulas em espaços diferentes, né? Que tinha coisas diferentes e...era tipo a segunda coisa que a gente fazia, depois de ter o tempo todo focado na escola de manhã, olhando pra lousa e tal... era meio com uma distração. Porque é uma coisa diferente, entende? Não é tudo que a gente fica lá no teórico, olhando e, às vezes, com sono, essas coisas.” J, 14 anos, aluna do 9º ano.

Outro ponto que aparece com recorrência nos relatos é atividades que envolviam o espaço de alguma forma para junto da atividade, sendo um elemento ativo do processo das aulas:

“Às vezes, quando a gente fazia aula fora, os professores retratavam sobre os animais que tinham fora para fazer parte da atividade, ou as plantas, que aí a gente meio que fazia um teatrinho, que a gente fazia uma vendinha e o dinheiro era as folhas da árvore.” S, 12 anos, aluno do 6º ano.

“A aula que mais me marcou foi a peça da Garota de Ipanema, que o Lorenzo e a Valentina fizeram... foi legal ver que eles estavam usando o espaço do parquinho, usando o espaço de uma forma diferente. Pensar que o espaço, ele também pode ter arte ali, né? Eu nunca tinha visto uma apresentação no parquinho.” I, 11 anos, aluno do 5º ano.

A apresentação *Garota de Ipanema*, relatada acima pelo aluno entrevistado, foi uma atividade realizada no Programa Jornada Ampliada em 2019, explorando brincadeiras ao ar livre e o espaço do parquinho infantil. O link para acesso ao projeto citado pelo aluno está disponível no anexo A. Na entrevista junto aos alunos, quando questionados acerca das suas principais lembranças das aulas de teatro, a maioria citou aulas que utilizavam espaços diferentes e traziam um diálogo com o mesmo, abordando o espaço enquanto parte da concepção da atividade, uma proposta que parte da utilização do espaço enquanto dramaturgia:

“As aulas que me marcaram mais foram todas que a professora tentava trazer algo novo. Eram pouquíssimas aulas na semana, mas toda aula era muito produtiva. Ela mudava muito os espaços, tinha vezes que a aula era no corredor, o que eu achava muito diferente, tipo a sala de aula do lado vazia, não, hoje vai fazer no corredor. Aí tinha vezes que a aula era na sala, em outra sala. Tinha vezes que a gente tinha que sair e mudar um pouco o ambiente. Tem vezes que a gente fazia aula no gramado e em outras partes, que era muito interessante. E a aula que mais me marcou foi a aula que a gente desenvolveu o projeto de poema. A gente venceu em segundo lugar

regional, era sobre poesia, a gente montou um projetor num depósito abandonado, montou poesias e tal, foi uma apresentação belíssima.” L, 15 anos, aluno do 9º ano.

O trecho acima traz o relato de um projeto realizado com alunos no Programa Jornada Ampliada em 2021, que explora o espaço de um depósito inutilizado, o link para acesso ao vídeo citado pelo aluno está disponível no anexo B. Outro ponto abordado, para além das memórias do Programa Jornada Ampliada, retomando à escola *locus* de pesquisa, foi sobre o sentimento de pertencimento e a vontade de realizar interferências no ambiente escolar. Na primeira fase da pesquisa, a pergunta norteadora para entender se o aluno sentia-se confortável na escola foi “Você se sente à vontade na escola?” e 72% dos alunos entrevistados deram uma resposta positiva.

“Atualmente eu estou numa escola que eu me sinto em casa, o pessoal me conhece, os professores, os profissionais. As pessoas em si fazem com que eu me sinta em casa. O ambiente, às vezes, não, mas as pessoas fazem com que eu me sinta em casa” L, 15 anos, aluno do 9º ano.

No trecho acima o aluno atribui o sentimento de pertencimento ao local às pessoas que se relaciona no seu cotidiano escolar, devido às relações estabelecidas com colegas e professores. Na pesquisa junto aos professores, uma professora compartilhou uma percepção semelhante quanto aos alunos de sua instituição, citando, porém, a distância quanto à direção escolar:

“Os alunos desenvolvem laços emocionais mais fortes com a convivência com seus colegas de classe e com as relações que estabelecem com seus professores, em vez de terem uma conexão profunda com a escola em si. Isso ocorre, em parte, devido à distância percebida entre a direção da escola e os alunos.” - Entrevista com professora de teatro que atende o Ensino Fundamental I, realizada dia 26/11/23.

Quando questionado sobre realizar interferências no ambiente escolar, alguns alunos abordaram sobre a vontade de “deixar sua marca”, exemplificado pelo seguinte relato:

“Eu gostaria de ir na festa de 100 anos, daqui a 4 anos. Eu venho nessa festa, ou na própria festa do ano que vem, e eu deixo registrado que eu estudei aqui, em que ano eu estudei aqui, não sei de que forma, não sei se uma parede de ex-alunos ou uma cortina de ex-alunos, o que exatamente... Mas eu quero voltar nesse ambiente e deixar registrado que eu passei por aqui, tiveram momentos incríveis e também “Não aguento mais!!”. Eu acredito que o espaço conta uma história, sabe?” L, 15 anos, 9º ano.

O sentimento de pertencimento escolar, nesse caso, relaciona-se com a necessidade de se identificar, de deixar algo escrito ou marcado que aquele lugar, por um período de tempo, lhe pertenceu. Oliveira (2017) chega às mesmas conclusões em sua pesquisa, analisando pichações e rabiscos transcritos no ambiente escolar como pode-se observar abaixo.

A juventude vivencia e ocupa o espaço escolar lhe conferindo significados e usos diversos, deixando suas marcas inscritas na organização do espaço, seja nas transgressões, nas fugas, na indisciplina, no tipo de sociabilidade construída, nos conflitos, nos rabiscos, nos corpos etc. Por isso, eles falam sobre imposições, estratégias e resistências que implicam a necessidade de se identificar, expressar, de tornar a escola um lugar de pertencimento. (Oliveira, 2017, pág. 130)

Entendendo a expressão como parte do processo de pertencimento escolar, podemos inferir que a criação artística pode ser uma das ferramentas mais potentes nesse processo. Contudo, a pesquisa de campo trouxe um resultado de descontentamento acerca da rigidez da estrutura hierárquica do ambiente escolar, principalmente por parte dos professores, como pudemos observar. Analisaremos a seguir acerca de como essas estruturas se relacionam no espaço escolar.

### 3.3. RELAÇÕES DE PODER NA ESCOLA: COMO SE DISPÕEM NO ESPAÇO?

Para Foucault (2002), a escola e outras instituições modernas utilizam o panoptismo como meio de controle e poder sobre os corpos, referindo-se a um modelo de organização arquitetônica do espaço no qual os indivíduos são hierarquicamente distribuídos dentro do espaço social (Oliveira, 2017, pág 32). O panoptismo foi inicialmente pensado pelo jurista Jeremy Bentham em 1785, para a vigilância constante dentro das prisões. Mas para Foucault (2002), tal modelo atingiu diversas instituições sociais modernas para além das prisões, como fábricas, hospitais e escolas, com a disciplinarização a partir da vigilância do indivíduo, adaptando o corpo ao sistema capitalista.

Nesse sentido, na organização do espaço escolar é perceptível a presença da ideia do panóptico: a divisão das salas, os espaços hierárquicos, as portas dos banheiros que não se prolongam do chão e o teto permitindo que todos os corpos sejam dados à vigilância, a posição das secretarias de modo a olhar todo espaço do pátio, a entrada e saída de pessoas, a posição do professor à frente da turma, em que todo quadro da sala está sob seu olhar. A morfologia da escola está ligada à ideia da visibilidade total, da não existência de zonas de obscurantismos. A individualização e o isolamento dos indivíduos em lugares específicos, por exemplo, as filas e carteiras, elas fazem com que seja possível vigiar e controlar um número significativo de alunos. Não raros os gestos, as falas e as atitudes, que não corresponderem ao padrão de comportamento previsto, devem ser imediatamente corrigidos. Os indivíduos são constantemente observados, comparados e testados para que sejam diferenciados, classificados e agrupados em determinadas séries que seguem um grau de complexidade (das competências simples às mais complexas).(Oliveira, 2017, pág 34)

Neste trecho Oliveira tece uma análise do espaço escolar através da hierarquia presente no espaço, assim como características inerentes ao que se entende como escola ou escolar. As filas, a figura do professor à frente de sua turma, os alunos em vigilância

constante, os horários regrados e a presença da hierarquia de poder. Tais características estão presentes na maioria das escolas públicas brasileiras e refletem na dinâmica do espaço, exemplificando o sistema utilizado pela educação, que ainda mantém suas estruturas similares como de décadas atrás. É possível observar tais características na escola utilizada como *lócus* de pesquisa, onde há a presença de mesa de inspetor de alunos nos corredores das salas de aula para a vigilância constante, também na organização formal e seriada das salas de aula com carteiras dispostas enfileiradas com o professor à frente. O mapeamento das salas de aula é um instrumento que busca manter o controle por meio do espaço na sala de aula, delimitando os alunos a lugares específicos, de modo que não causem desordem.

Figura 6 - Mesa do inspetor de alunos.



Fonte: Acervo pessoal da autora.

Figura 7 - Sala de aula.



Fonte: Acervo pessoal da autora.

A rigidez do sistema e sua burocracia refletem no espaço escolar, tanto para discentes quanto para docentes. Como observado no tópico anterior, a rigidez da coordenação para propostas diferentes que fogem à tradicional sala de aula foi um dos tópicos mais levantados pelos professores. Já com os alunos, existe grande preferência por ambientes como o pátio e a quadra, principalmente por serem lugares onde não estão diretamente monitorados (no pátio, durante o horário do intervalo) e tem a liberdade corporal de correr e se expressar (na quadra, durante as aulas de educação física) demonstram a rigidez do sistema na prática.

Em minha experiência com espaços alternativos de ensino para as aulas de teatro, principalmente quando se diz respeito a espaços abertos, manter a concentração dos alunos é um dos maiores desafios. Não por desinteresse ou indisciplina, mas como o espaço não dispunha da vigilância e rigidez da escola convencional, era perceptível que os alunos sentiam-se mais à vontade, assim como estavam frente a novos estímulos diversificados.

Em cada espaço na escola, há convivência entre alunos, professores, funcionários, mas diante da constituição histórica da escola, as relações tendem a se encaixar em esquemas normativos e hierarquizantes, enquanto o espaço e tempo da sociabilidade são restritos e, por vezes, reprimidos. (Oliveira, 2017, p. 84)

De fato, há espaços que são destinados a alunos e outros a funcionários devido a diversos fatores, sendo o principal a organização escolar. Não é necessário que um aluno frequente espaços como a diretoria ou orientação. Contudo, acredito que é importante entender a função dos espaços para entender suas necessidades. O aluno não precisa frequentar a diretoria, mas caso sinta necessidade não seria interessante sentir-se confortável para isso? Pode-se perceber que o espaço físico e os acordos de convivência “abrem pouco espaço à participação e à criatividade dos jovens, não lhes oferecendo ferramentas para lidar com as perspectivas atuais.” (Oliveira, 2017, p. 97)

Para Ribeiro (2004) o espaço físico escolar é um elemento que integra as experiências vividas, repleto de significados atribuídos pelos indivíduos a partir de suas vivências, que também educam e fazem parte de seu processo de aprendizagem e formação. Partindo deste ponto, as experiências com os espaços podem proporcionar novos significados aos alunos, auxiliando no processo de construção do que entendemos como o sentimento de pertencer a um ambiente. A partir dessas reflexões, entraremos agora em um momento de proposições de interferência no espaço.

### 3.4. EXPLORANDO POSSIBILIDADES DE CRIAÇÃO

Como vimos no primeiro capítulo, a criação em *site-specific* se constitui pela criação artística a partir de um ambiente específico. Acredito que seja uma das ferramentas potentes para se pensar a dramaturgia do espaço junto aos alunos, trazendo-os para pensar quais diálogos os espaços podem trazer e propor interferências.

Utilizarei como estudo de caso os espaços mais transitados pelos alunos para além da sala de aula: pátio, corredor e banheiro. Embora a quadra seja um dos ambientes favoritos dos alunos na escola, é possível notar com a pesquisa etnográfica junto aos professores de Arte e Teatro que a quadra, o palco e o auditório já se configuram como os locais mais utilizados para as apresentações escolares. Devido a isso, propondo uma nova alternativa de exploração do espaço escolar, busco visibilizar outros espaços ocupados pelos alunos para que possam ser enxergados como uma possibilidade artística.

#### 3.4.1. Pátio

Figura 8 - Pátio (vista do lado direito), com palco e refeitório ao fundo.



Fonte: Acervo pessoal da autora.

A partir dessas fotos é possível perceber que o pátio em questão não possui uma grande amplitude. Possuindo uma área reservada ao palco, outra à cantina e outra ao portão de entrada e saída dos alunos, se configurando como um ambiente múltiplo, simultâneo, já que são diversas funções reunidas em um mesmo lugar. O pátio é, por essência, um lugar onde tudo acontece. As filas são formadas para dirigirem-se às salas de aula, o hino é cantado semanalmente por todas as turmas. Há uma dualidade entre ser o lugar de liberdade, de

aproveitar o intervalo e também ser o lugar de disciplina. Configura-se como o espaço principal da escola, central no terreno escolar.

Devido a tais características, acredito que uma proposta de intervenção e direcionamento para se pensar a ocupação desse espaço seja a própria pluralidade: experimentar as suas possibilidades. Quais os sons que identificamos no pátio? Quem passa por aqui? Qual a sensação de estar sendo visto o tempo todo? Como se concentrar perante à inúmeros estímulos? Tais perguntas podem ser fundamentais para uma metodologia de criação cênica a partir do pátio. Levar a aula de arte para o espaço e experimentar é o que entendo como o melhor caminho. Seja por meio das artes visuais, com interferências no espaço ou registrando esse território múltiplo Na linguagem teatral, criar cenas que trazem temas plurais ou a simultaneidade, preservando características inerentes ao espaço.

### 3.4.2. Corredor

Figura 9 - Corredor do Ensino Fundamental II.



Fonte: Acervo pessoal da autora.

O corredor é, essencialmente, um lugar de passagem. Não foi pensado para permanecer muito tempo nos corredores pois eles existem para conectar um ambiente a outro. Em minhas observações pude perceber algumas características presentes no corredor, tais como: é um espaço de conversas entre os alunos, há também a presença do sentimento de tensão dos alunos antes de entrar na sala de aula para uma prova importante. É o espaço onde se dispõem diferentes salas de aula, e o lugar de andar devagar quando se está entediado na sala de aula e pede-se para beber uma água. Contudo, também é o espaço de vigilância do inspetor de alunos. O que é visto no lugar que não é visto como um lugar?

Seguindo essa linha de investigação, acredito que uma temática pertinente ao corredor seja essas temáticas “não vistas” da escola. O que faz parte da vida do cotidiano escolar que é invisibilizado? A pressa de estar atrasado, talvez uma paixão secreta, um olhar cansado, um caso de bullying sutil que persiste. Trouxe algumas propostas de temáticas que pude identificar em minhas observações no ambiente da escola utilizada como lócus. Uma proposta de intervenção artística que considero interessante para espaços de trânsito é a mostra de trabalhos: um varal de desenhos, uma intervenção performática ou uma cena itinerante, que passa por diferentes espaços da escola.

### 3.4.3. Banheiro Feminino

Figura 10 - Banheiro feminino



Fonte: Acervo pessoal da autora.

Por fim, o banheiro. Pude perceber que as meninas permanecem e ocupam mais do que os meninos, devido a isso irei me referir especificamente ao banheiro feminino. É um ambiente onde a presença de espelhos evoca a vaidade, mostrando que a cultura da beleza já é presente na pré-adolescência do Ensino Fundamental II. Em minha pesquisa de campo, uma aluna de 11 anos citou o banheiro como seu local favorito no ambiente escolar pois é onde ela “pode se arrumar e ficar bonita”.

Também é visto como um local de segredos, onde muitas meninas vão para ter conversas privadas, que poderiam ser interrompidas por um professor pedindo silêncio ou um colega curioso em outro espaço. É um ambiente repleto de marcas deixadas pelas alunas, inscritas nas portas suas paixões, raivas, vontades ou simplesmente suas marcas refletidas nas escritas de seus nomes.

Figura 11 - Inscritos nas portas do banheiro.



Fonte: Acervo pessoal da autora.

Por essas características, penso que a criação cênica a partir do banheiro seja algo melhor abordado de forma intimista. Um exemplo pode ser o de uma criação cênica com duas a três alunas, evocando temas pertinentes ao universo pré-adolescente que estão presentes no cotidiano escolar - como a autoestima, por exemplo, que é um assunto de extrema importância - pode ser abordado de uma forma sensível que traga identificação para os alunos e espectadores.

#### 4. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao longo desta pesquisa buscou-se investigar sobre as características e potencialidades cênicas dos espaços escolares no contexto do ensino de teatro na educação básica. Espaços na escola que ultrapassam a sala de aula como possibilidade de exploração nas aulas de arte e teatro, tais como: pátio, quadra, corredores, banheiros, espaço externo, entre outros. São espaços que cotidianamente são ocupados pelos alunos em sua rotina escolar, mas nem sempre são explorados como ponto de partida para experimentações artísticas que tragam suas possibilidades cênicas. Investigou-se, então, as possibilidades de exploração cênica desses espaços pelos professores de teatro em suas aulas.

Para atingir o objetivo geral, a pesquisa estruturou-se a partir de três pontos específicos. O primeiro buscou levantar informações e conceitos sobre dramaturgia do espaço e criação em *site-specific*. Para isso, procurou-se pesquisar diferentes autores a fim de estabelecer diálogos sobre a temática do lugar do espaço no teatro, a conceituação de dramaturgia, a criação *site-specific* e suas características, buscando e relacioná-los com o ambiente escolar.

O segundo ponto objetivou refletir acerca das estruturas de poderes na escola e suas reverberações no espaço escolar, pensando uma ocupação democrática do espaço. Para isso, pesquisou-se sobre como as relações de poder se estruturam através do espaço, tanto de forma teórica quanto analisando uma escola municipal de ensino fundamental como objeto de análise do espaço físico. Também foram realizadas pesquisas de campo com alunos da escola *lôcus* de pesquisa e com professores de teatro e arte a fim de refletir acerca de como discentes e docentes ocupam o espaço escolar. A pesquisa de campo buscou trazer relatos de professores de teatro e de arte que vivenciam a criação artística nas escolas municipais de ensino básico de Santos, assim como relatos de ex-alunos que experimentaram aulas de teatro e criações cênicas em espaços alternativos à sala de aula.

O terceiro ponto buscou traçar novas possibilidades de ocupação a partir da análise do espaço escolar. Buscou-se levantar propostas de diálogos cênicos a partir de três espaços da escola *lôcus* de pesquisa: o pátio, o corredor e o banheiro feminino. Tais pontos específicos foram desenvolvidos ao longo dos capítulos e da pesquisa de campo, entrelaçando conteúdos teóricos com minhas práticas e vivências para estabelecer as reflexões propostas.

A monografia foi dividida em dois capítulos. O primeiro capítulo se desdobrou acerca do espaço no contexto teatral, tendo como ponto principal o termo dramaturgia do espaço, onde se considera o espaço como parte fundamental do processo criativo, com seus diálogos,

temáticas e particularidades. A criação *site-specific*, onde se pensa uma obra de arte para um determinado espaço, foi um dos caminhos destacados para abordar o espaço físico enquanto norteador de processo e diálogos. Buscando, assim, uma relação mútua entre o espaço e a criação artística na educação básica, onde o espaço possa transformar a arte e por ela ser transformado.

O segundo capítulo investigou o espaço escolar, entendendo suas particularidades a partir do estudo de caso de uma escola municipal de ensino fundamental em Santos. A escola em questão é uma das mais antigas da cidade, situada há 95 anos no mesmo espaço, atendendo atualmente cerca de 500 alunos, sendo localizada em um dos bairros mais populosos da cidade. Devido à escolha de preservação de dados, solicitada por parte da coordenação da escola, o nome da instituição não foi identificado, mas a caracterização da escola em questão é importante para compreender o contexto das observações e pesquisas realizadas.

Através de pesquisa de campo com alunos do Ensino Fundamental I e II da referida escola, e com professores de teatro e arte que atuam com o Ensino Fundamental em escolas municipais de Santos, foram identificados alguns pontos principais, tais como: a preferência dos alunos por ambientes externos à sala de aula; as dificuldades e desejos de professores em ocupar diferentes espaços na escola, que em maioria têm como obstáculo questões hierárquicas dentro do ambiente escolar, como a dificuldade de comunicação com a coordenação e direção escolar; o sentimento de pertencimento ao ambiente escolar, atribuído nas pesquisas às relações de amizade e afeto construídas na escola, não ao conforto com o espaço físico em si.

Também é possível afirmar a partir da pesquisa de campo que há o desejo dos alunos de ocupar expressivamente o espaço, “deixar sua marca” no ambiente, como relatado nas entrevistas. Pode-se perceber através das falas de alguns alunos que há o desejo de marcar o espaço físico escolar de forma que os próximos alunos reconheçam que fizeram parte daquela escola e daquele espaço. Por fim, buscou-se propor formas de abordar a dramaturgia do espaço nas aulas de arte ou teatro a partir de três espaços da escola *locus* de pesquisa: pátio, corredor e banheiro feminino.

Inicialmente a pesquisa desenvolveu-se a partir de três perguntas norteadoras. A primeira, questionava por que os diferentes espaços eram pouco explorados enquanto potência dramaturgica, uma vez que, conseqüentemente, acabavam afetando projetos teatrais na escola. Na pesquisa de campo com professores de arte e teatro foi identificado que realmente diversas adaptações e modificações são realizadas devido ao espaço

disponibilizado, tanto para as aulas quanto para apresentações. Alguns espaços alternativos à sala de aula, como a quadra ou o pátio, por exemplo, são citados pelos professores entrevistados como utilizados para apresentações. Contudo, é observado que as características inerentes ao espaço em si não costumam dialogar com os projetos, sendo o espaço utilizado, principalmente, para fins de exibição, por comportar um número maior de espectadores.

O segundo questionamento buscava trazer as características desses espaços alternativos a sala de aula nas criações artístico-pedagógicas, o que é potencializado na dramaturgia do espaço e sistematizado na abordagem *site-specific*, tópicos investigados ao longo do primeiro capítulo da monografia. A terceira pergunta abordava a interferência do aluno neste processo criativo, e foi identificado através da pesquisa de campo realizada com alunos e professores que as estruturas de poder presentes na escola minimizam a participação do aluno em pensar e ocupar o espaço escolar. Pode-se perceber isso através dos relatos de professores como “as restrições são muitas e eles não são incluídos no levantamento das regras necessárias para utilização do ambiente” ou em “isso ocorre, em parte, devido à distância percebida entre a direção da escola e os alunos”.

Essas estruturas de poder que regem a Escola enquanto instituição integram todo um sistema que compõem a educação básica, alcançando outros lugares para além da análise do espaço físico, o que ultrapassa a investigação da presente pesquisa. Um desdobramento futuro a partir disso seria a análise aprofundada sobre as relações de poderes que tange o ambiente escolar e suas estruturas enraizadas na educação básica brasileira. Essas relações hierárquicas dentro do ambiente entre direção, docentes e discentes, assim como a burocracia que refere-se ao ambiente escolar, como por exemplo a dificuldade em utilizar ambientes para além da sala de aula, algo elencado por professores na pesquisa de campo, foram identificadas como um obstáculo na ocupação democrática do espaço tanto por professores como por alunos, não somente no que se refere à ocupação artística, mas sim a utilização do espaço em si como um todo.

O diálogo proposto entre o lugar do espaço no teatro, pesquisado por autores como Jackson Silva (2019, 2020, 2022) e a análise aprofundada sobre o espaço escolar em suas diferentes camadas de Nayara Oliveira (2019) sintetizam o processo de se pensar a dramaturgia do espaço escolar: visibilizando a espacialidade e entendendo suas particularidades enquanto ambiente escolar. Esse ambiente é estruturado por toda uma cultura que traz características próprias, e elas podem incorporar as criações artísticas e teatrais na escola, o que pode fomentar o diálogo com o universo do aluno. Em síntese, trazer situações

inerentes à escola para cena, a partir de diferentes espaços, uma vez que os alunos frequentam esses espaços cotidianamente e com essa perspectiva podem enxergar como passíveis de arte.

Acredito que esses diálogos estão presentes no espaço o tempo todo, ainda que não sejam visibilizados. A experiência em espaços não convencionais de ensino me trouxe uma bagagem de enxergar possibilidades de ocupação e de proporcionar novas experiências nas aulas de teatro, tanto para professores quanto para alunos. Enxergar o espaço como território de aprendizagem, livre a ser explorado e ocupado de diferentes formas.

Compreendo que a presente pesquisa atingiu seus objetivos ao estabelecer o diálogo entre dramaturgia do espaço e o ambiente escolar da educação básica. A partir da análise do espaço físico da escola *locus* de pesquisa, uma escola municipal de ensino fundamental de Santos, investiga um ambiente escolar real, trazendo propostas e reflexões a partir das características existentes, algo identificado como fundamental na criação artística a partir do espaço. As pesquisas de campo trazem um panorama sobre visões presentes em professores de teatro e em alunos da escola analisada sobre como o espaço é ocupado de fato. Para reflexões futuras acerca da criação em espaços específicos dentro da educação básica, acredito que um caminho seria a consolidação e aplicação de um estudo de caso de criação *site-specific* na escola para análise detalhada do processo criativo de um protótipo cênico junto aos alunos.

O espaço escolar como um todo tem tanto a ensinar e explorar para além da sala de aula. A arte pode estar presente em todo lugar, pode dialogar sobre diversos assuntos que também fazem parte do nosso dia a dia.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALONSO, Virginia Soares; BARROCAS, Renata. Implementação das Salas Estudioteca e Biblioteca e o Programa Justiça Restaurativa na rede municipal de ensino de Santos, SP. In: **Criar Educação**, Criciúma, v. 11, nº 2, ago/dez de 2022.

ANDRÉ, Maria Eliza D. A. **Etnografia da prática escolar**. Campinas, SP: Papyrus, 2005.

ARTAUD, Antonin. **O Teatro e o seu Duplo** (1938). São Paulo: Martins Fontes, 1999.

BONFITTO, Matteo. Tecendo os sentidos: A dramaturgia como textura. In: **Pitágoras**, 500, vol. 1, Pág 56 - 61, Outubro, 2011.

BRECHT, Bertolt. Pequeno Organon para o Teatro. In: **Estudos sobre o Teatro**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1978.

CARVALHO, Francis Wilker de. **Teatro do Concreto no concreto de Brasília: cartografias da encenação no espaço urbano**. Dissertação (Mestrado) — Universidade de São Paulo - USP, São Paulo, 2014.

FOUCAULT, Michel. **Vigiar e punir: nascimento da prisão**. Petrópolis: Vozes, 1987

FREITAS, Hugo Nicolau Vieira de. **Cartografia teatral: o ensino/aprendizagem por meio da leitura e compreensão do espaço**. 2016. 167 f., il. Dissertação (Mestrado em Artes). Universidade de Brasília, Brasília, 2016.

LEHMANN, Hans-Thies. **Teatro pós-dramático**. Trad. Pedro Süssekind. 2. ed. São Paulo: Cosac Naify, 2008.

OLIVEIRA, Nayara Cristine Sousa. **Jovens e o espaço escolar : ocupações, concepções e expectativas sobre a escola**. Dissertação (Mestrado) - Universidade Federal de Uberlândia, Programa de Pós-Graduação em Educação. Uberlândia, 2017.

PAVIS, Patrice. **Dicionário de teatro**. Trad. J. Guinsburg e Maria Lúcia Pereira. 3ª edição. Editora Perspectiva. São Paulo, 2008.

PEARSON, Mike. **Site-specific performance**. New York: Palgrave Macmillan. 2010.

REBOUÇAS, Renato Bolleli. **A construção da espacialidade teatral: os procedimentos de direção de arte do Grupo XIX de Teatro**. Dissertação (Mestrado) — Universidade de São Paulo - USP, São Paulo, 2010.

REBOUÇAS, Renato Bolelli. Cenografia expandida no Brasil – uma abordagem narrativa a partir do Sul. In: **Urdimento**, Florianópolis, v. 2, n. 44, set. 2022

RIBEIRO, Solange Lucas. Espaço Escolar: um elemento (in)visível do currículo. **Sitientibus**, Revista da Universidade Estadual de Feira de Santana, nº 31, p. 102- 118, 2004.

SILVA, José Jackson. O *Site-Specific* Como Dramaturgia do Espetáculo. **Revista Cena**, Porto Alegre, nº 29, p. 90-99 set./dez. 2019

SILVA, José Jackson. Reorientando fundamentos teatrais nas encenações *site-specific*. In: **Urdimento**, Florianópolis, v. 3, n. 45, dez. 2022.

SILVA, José Jackson; TORRES NETO, Walter Lima. Considerações sobre o conceito de *site-specific* no Teatro Brasileiro. In: **Urdimento**, Florianópolis, v. 2, n. 38, ago./set. 2020

## APÊNDICE

### APÊNDICE 1 - PESQUISA DE CAMPO COM PROFESSORES DE TEATRO - LISTA DE PERGUNTAS

1. Qual seu nome?
2. Atua ou atuou com qual nível da educação?
3. Você ministra aula de Arte curricular ou fora da grade formal (teatro, artes cênicas)?
4. Já ministrou aulas na rede municipal de Santos, seja como professor ou como educador?
5. Você percebe que o espaço físico influencia nas aulas de arte/teatro? De que forma?
6. O espaço que você atua/atuava é o que você considera como mais adequado para as aulas de arte/teatro? Por quê?
7. Você já ocupou outros espaços da escola para além da sala de aula/ensaio? Quais? Conte um pouco como foi a experiência.
8. Você já precisou adaptar suas aulas/apresentações devido ao espaço físico disponível? Se sim, cite exemplos.
9. Caso tenha respondido SIM na questão anterior, os alunos interferiram nessas adaptações? Por quê?
10. Você acredita que o espaço escolar é ocupado pelos alunos em sua escola?
11. Você identifica o sentimento de pertencimento ao ambiente escolar pelos alunos de sua instituição?
12. Acredita que a ocupação do espaço escolar através da arte pode trazer algum resultado? Qual?
13. Você se sentiria confortável em realizar cenas/interferências com os alunos em espaços não convencionais dentro do ambiente escolar, tais como: banheiro, corredor, pátio, diretoria? Por quê?
14. Você acredita que os espaços podem trazer novos diálogos? Quais?
15. O que você entende a partir da expressão “dramaturgia do espaço”?
16. Você já ouviu ou conhece sobre a criação em *site-specific*?

## APÊNDICE 2 - PESQUISA DE CAMPO REALIZADA COM ALUNOS

Transcrição integral de entrevista, realizada dia 13/11/2023 com um aluno do 9º ano, presidente do grêmio estudantil e representante dos alunos da escola utilizada como *locus* de pesquisa.

**Pesquisadora:** Qual é o seu espaço favorito na escola?

**L (15 anos):** Eu acredito que o meu espaço favorito seja ao ar livre, geralmente a quadra, ou aqui na frente no jardim. Porque eu me sinto mais pleno, são lugares que as aulas são mais dinâmicas, não é sentado numa cadeira, etc. E a gente pode se conectar mais com o espaço, é muito interessante.

**Pesquisadora:** E você percebe observando seus colegas que eles também preferem esses espaços?

**L (15 anos):** Sim, com certeza. A maioria do pessoal é de áreas humanas, artes... Então quando a gente vai pro laboratório a gente faz pintura. A gente tem uma professora de artes atualmente que é muito interessante, ela levou a gente já pra fazer aula fora, etc. Então acho que esses outros espaços são mais agradáveis.

**Pesquisadora:** Interessante que você falou sobre aulas de artes em espaços diferentes, como é que foi essa experiência?

**L (15 anos):** Bom, foi uma aula que a gente tinha o propósito de fotografar dentro da escola, por exemplo, fotografar uma sala de aula, um lugar que você gosta da escola, um lugar que você acha bonito, um lugar que você se sente em paz lá dentro. E a maioria dos alunos foi correndo direto aqui para a parte do gramado que é o Ensino Fundamental I. É porque a maioria dos alunos já está aqui na escola há bastante tempo e eles gostavam mais quando estudavam no primeiro ou até o quinto ano.

**Pesquisadora:** Você, tem esse sentimento de pertencimento à escola?

**L (15 anos):** Momentos sim, momentos não. Durante a maior parte da minha vida não, porque eu mudava muito de escola eu me mudei muito de casa, então passei por 14 moradias e 9 escolas, 3 cidades... Então eu nunca me acostumei muito nem com as pessoas, nem com a escola, mas atualmente eu estou numa escola que eu me sinto em casa, o pessoal me conhece, os professores, os profissionais. As pessoas em si fazem com que eu me sinta em casa. O ambiente, às vezes, não, mas as pessoas fazem com que eu me sinta em casa.

**Pesquisadora:** Você percebe isso a partir dos seus amigos também, observando eles?

**L (15 anos):** A maioria não. A maioria não gosta muito de vir aqui, vem porque é obrigado pelos pais, tem que finalizar o 9º ano para ir para ensino médio, etc. Agora, no final do ano, muitas pessoas já estão emendando, porque tem um feriado atrás do outro, em casa direto, então acho que o pessoal mesmo, a maioria, quer finalizar um ano e mudar de escola o mais rápido possível. Muita gente acha que a escola tem

muitas regras.

**Pesquisadora:** Você se sente muito vigiado dentro da escola?

**L (15 anos):** Em momentos sim, em momentos não. Tem muitas coisas que eu acho que é um pouco desnecessário, por exemplo, você não pode sair no banheiro na terceira aula, porque depois vai ter recreio. Eu acho isso meio desnecessário, então muitas vezes a gente se sente meio observado demais.

**Pesquisadora:** Eu percebo que você permanece bastante após o horário no espaço escolar. Por quê?

**L (15 anos):** É porque eu tenho um objetivo, e durante boa parte da minha vida, como eu mudava muito o ambiente, eu não conseguia frequentar outros projetos. A minha mãe trabalhava direto, então eu nunca via minha mãe na semana, no máximo um dia que ela ficava em casa. Então sempre tive que me virar e tal, e sempre foi posto na minha cabeça que eu tinha que estudar, tinha que fazer um extra para poder me dar bem na vida, como fazer uma escola técnica. Eu tinha que me diferenciar dos demais. E aqui nessa escola eu percebi que aqui eu podia me diferenciar dos demais. Eu entrei aqui no 7º ano, faz pouquíssimo tempo, para a maior parte dos alunos. Eu entrei e conheci mais o pessoal, fiz com que meu nome fosse mais conhecido, participei desse projeto Escola Total da Jornada Ampliada. No segundo ano, no 8º ano, eu venci um prêmio juntamente com a professora Manu, de teatro, etc. E aí eu me instalei no Grêmio Estudantil, fiz a prova para ser Jovem Doutor. No 9º ano, eu me tornei presidente e aluno-ouvidor do Grêmio. Me tornei também um Jovem Doutor veterano e passei a me tornar Jovem Vereador e frequentar a Câmara Municipal de Santos. E tenho essas lembranças do Programa Jornada Ampliada, porque lá a gente tinha um espaço diferente, que era o espaço do Rebouças, que era um espaço muito diverso, com vários ambientes diferentes.

**Pesquisadora:** Tem algum desses ambientes, desses espaços, ou de alguma dessas aulas que aconteceu em espaços diferentes que te marcou?

**L (15 anos):** As aulas que me marcaram mais foram todas que a professora tentava trazer algo novo. Eram pouquíssimas aulas na semana, mas toda aula era muito produtiva. Ela mudava muito os espaços, tinha vezes que a aula era no corredor, o que eu achava muito diferente, tipo a sala de aula do lado vazia, não, hoje vai fazer no corredor. Aí tinha vezes que a aula era na sala, em outra sala. Tinha vezes que a gente tinha que sair e mudar um pouco o ambiente. Tem vezes que a gente fazia aula no gramado e em outras partes, que era muito interessante. E a aula que mais me marcou foi a aula que a gente desenvolveu o projeto de poema. A gente venceu em segundo lugar regional, era sobre poesia, a gente montou um projetor num depósito abandonado, montou poesias e tal, foi uma apresentação belíssima.

**Pesquisadora:** E sobre ter aula em espaços diferentes, você acha que é positivo para você enquanto aluno?

**L (15 anos):** É muito melhor, porque em outros espaços, em um ambiente mais pleno e com uma energia suave, tudo flui melhor, então o aprendizado vai ser cada vez melhor, o foco do aluno é amplo, então o aluno consegue entender realmente a matéria

e a criatividade é incrível, porque ali no momento você fica em silêncio mas quando você está em silêncio com seus amigos você consegue observar a paisagem, você consegue produzir o que você tem que fazer de forma artística e é muito bom, porque você escuta o canto dos pássaros o vento vem até você, então... é incrível essa sensação, a criatividade com certeza é a melhor parte.

**Pesquisadora:** E agora, pensa na sala de aula convencional, e nessas aulas que a gente tinha em espaços diversos. O que você prefere para seu aprendizado?

**L (15 anos):** Em espaços diversos. A aula em sala normal é chato, desculpa, é patético. Em 2023, em que a gente tem diversas tecnologias, a gente não pode usar e tem que ficar lá, é entediante. Ainda mais uma aula de arte que a gente, assim, devia explorar.

**Pesquisadora:** E você, gostaria de realizar alguma intervenção no espaço da sua escola? É uma coisa que você teria interesse ou não?

**L (15 anos):** Eu gostaria de ir na festa de 100 anos, daqui a 4 anos. Eu venho nessa festa, ou na própria festa do ano que vem, e eu deixo registrado que eu estudei aqui, em que ano eu estudei aqui, não sei de que forma, não sei se uma parede de ex-alunos ou uma cortina de ex-alunos, o que exatamente... Mas eu quero voltar nesse ambiente e deixar registrado que eu passei por aqui, tiveram momentos incríveis e também “Não aguento mais!”. Eu acredito que o espaço conta uma história, sabe?

## ANEXO

### ANEXO A – VÍDEO MUSICAL “GAROTA DE IPANEMA”

Vídeo a partir da peça “Garota de Ipanema” realizada com alunos do 2º ano do Programa Jornada Ampliada no Centro Esportivo e Recreativo Rebouças em outubro de 2019, explorando brincadeiras ao ar livre e o espaço do parquinho.

Acesso ao vídeo através do link: <https://youtu.be/dsOwrPeXwu4>

Disponível também através do QR Code:



## **ANEXO B – EXPERIMENTO AUDIOVISUAL “MAR”**

Experimento audiovisual sobre o Mar a partir de poemas, realizado com os alunos do 4º, 5º, 6º e 7º ano, junto ao Programa Jornada Ampliada no Centro Esportivo e Recreativo Rebouças. Realizado em setembro de 2021. O experimento utiliza o espaço de um depósito esportivo inutilizado.

Acesso ao vídeo através do link: <https://youtu.be/L3QxD1SSvkM>

Disponível também através do QR Code:



## **ANEXO C – CURTA-METRAGEM EM STOP MOTION “A LENDA DE PEDRO E INÊS”**

Curta-metragem realizado nas oficinas de teatro, arte e contação de histórias do Programa Jornada Ampliada investigando a criação artística a partir de espaços alternativos no Complexo Esportivo Rebouças. Projeto realizado com alunos do 6º e 7º ano em setembro de 2018. Desenvolveu-se a partir do estudo e análise de um espaço específico, o parquinho do Complexo Esportivo. Os alunos tiveram que desenvolver uma encenação que dialogasse com o espaço.

Acesso ao vídeo através do link: <https://youtu.be/dzDO2TkILho>

Disponível também através do QR Code:

